

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Tracejando esboços da cidade (embates sobre a memória e a história de Florianópolis)

Luiz Felipe Falcão*

Resumo: Considerada como uma cidade relativamente pequena do ponto de vista demográfico ao longo das décadas de 1940 e 1960, além de pouco dinâmica em termos econômicos e culturais, Florianópolis já vivenciava uma série de contatos com as maiores cidades do Brasil, um início de verticalização das construções na parte central da sua urbe e uma tentativa de planejamento urbano. Entretanto, a partir de 1970, a cidade foi sendo bastante transfigurada em relação ao que sua paisagem mostrava até então, com uma nova ponte ligando sua porção insular à continental e novas avenidas e estradas aproximando as localidades mais distantes, dando ensejo a intensas disputas acerca da produção de uma memória e de uma história da cidade capazes de lhe conferirem um perfil identitário singular no Estado de Santa Catarina e mesmo no Brasil.

Palavras-chave: Cidade, memória, identidades.

Abstract: Considered as a relatively small city between the decades of 1940 to 1960, beyond little dynamic in economic and cultural terms, Florianópolis already lived deeply a series of contacts with the biggest cities of Brazil, some buildings in the central part of the town and an attempt of urban planning. However, from 1970, the city was being sufficiently changed in relation what its landscape showed until then, with a new bridge binding its portion insular and continental and new avenues and roads approaching the localities most distant, producing intense disputes concerning the production of a memory and a history of the city in conditions to confer a singular identity profile in Santa Catarina State and in Brazil.

Key-words: City, memory, identities

Em um instigante artigo publicado há alguns anos, o historiador norte-americano Richard Morse propunha estudar as cidades como “arenas culturais”, entendendo-as como “cadinhos de mudança na era moderna”. Nesta perspectiva, ele afirmava que pretendia vislumbrá-las como palco de expressões e manifestações do ambiente urbano, para além das descrições e análises feitas acerca delas:

(...) O que estamos buscando é o ambiente urbano, não como descrito e analisado, mas como experimentado e expresso. As cidades tornam-se teatros e nossos informantes, atores. Estes últimos não são repórteres ou especialistas em diagnósticos, mas participantes envolvidos, que se lançam sobre todas as fontes ou recursos intelectuais e psíquicos de que dispõem para interpretar, não a condição urbana, mas a condição humana. (MORSE, 1995: 205).

* Professor do Departamento de História/Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Tomando como referência estas assertivas, elas podem ser úteis para refletir sobre as tensões contidas nas tentativas de instituição de uma certa memória e de uma determinada história de uma cidade, na medida em que tanto aquela memória quanto esta história pretendem descrever e interpretar com legitimidade as trajetórias pelas quais passaram e seguem passando as cidades contemporâneas, dizendo portanto mais a respeito de uma “condição humana” na atualidade do ambiente citadino do que sobre uma “condição urbana” propriamente dita. Em outras palavras, elas podem se mostrar reveladoras de que os modos de construção de uma tal memória, bem como os procedimentos de constituição de uma tal história, não estão isentos de interesses e contradições os mais diversos.

Tomando, para efeito de discussão, a cidade de Florianópolis, cidade de porte médio (em torno de 400 mil habitantes em 2006) situada no Brasil meridional, pode-se constatar algumas questões interessantes acerca destes processos. Trata-se da capital do Estado de Santa Catarina e que, por isto mesmo, sempre possuiu um contingente numeroso de funcionários públicos, contrabalançando o fato de ali não existir nenhuma produção industrial, agrícola ou extrativa de maior relevância. Em realidade, até hoje a dinâmica econômica é assegurada pelo setor de serviços, onde encontram destaque as empresas concessionárias de serviços ou de interesses públicos (distribuição de energia elétrica, comunicação de massa) e as atividades vinculadas ao turismo (sobretudo nos meses de verão), o que permite à cidade ostentar certo cosmopolitismo lado a lado a algumas práticas culturais antigas e, de certo modo, tradicionais.¹

Considerada como uma cidade relativamente pequena do ponto de vista demográfico ao longo das décadas de 1940 e 1960, e pouco dinâmica em termos econômicos e culturais, Florianópolis foi descrita neste período, ou apresentada em rememorações posteriores, como “pequena”, “pacata” e mesmo “provinciana”, onde todos se conheciam e de algum modo se ajudavam e a circulação monetária era restrita, em crônicas e artigos jornalísticos, em opúsculos de divulgação da cultura local, em entrevistas com seus habitantes mais proeminentes (letrados, lideranças políticas, etc.). E, realmente, ela era uma cidade pequena, com um núcleo urbano parte insular, parte continental, sem grande expressão produtiva, demográfica e cultural, e com várias pequenas localidades mais ou menos distantes em que vigorava uma atividade de subsistência pautada na agricultura e na pesca. E como os acessos eram precários, e os meios de transporte disponíveis muito raros e caros para quase

¹ Para o conceito de tradição, ver HOBBSBAWM E RANGER (1985).

toda a população, podia-se dizer que a vida transcorria num ritmo pouco frenético se comparado a outras capitais brasileiras.

No entanto, a idéia de uma cidade “pequena”, “pacata” e mesmo “provinciana”, onde todos se conheciam e de algum modo se ajudavam e a circulação monetária era restrita, é no mínimo controversa e está na dependência de que grupo social a está formulando, e para qual finalidade. Ou seja, estas imagens que oscilam do bucólico ao paroquial deixam de lado, propositalmente ou não, que muitos de seus habitantes já vivenciavam pelo menos desde a segunda metade do século XIX uma série de contatos com outras cidades do Brasil e com atividades econômicas pautadas pelo pagamento em espécie das mercadorias, como o atestam as viagens de trabalho, negócio, lazer ou estudo das parcelas mais endinheiradas da população, ou as experiências dos embarcados (em geral, indivíduos pobres que todos os anos se empregavam durante meses nas embarcações de pesca que tinham como destino final os portos de Rio Grande, Santos ou Rio de Janeiro), o que foi recorrente em meados do século passado. Por seu turno, houve um importante esforço concentrado de modernização da cidade já nas primeiras décadas do século XX, quando se implantou o início do abastecimento canalizado de água e se edificou a primeira ponte ligando sua porção continental à insular, entre outras obras, o que foi seguido por uma nova onda modernizadora, talvez menos vigorosa, mas certamente mais normalizadora, na década de 1940 (quando ganharam corpo instituições como a Penitenciária da Pedra Grande e o Abrigo de Menores). Mais ainda, na década de 1950, um início de verticalização das construções na parte central da urbe já tinha começado, e uma tentativa de planejamento urbano foi esboçada inclusive com a contratação de um escritório sul-rio-grandense especializado para este fim (LOHN, 2001).

Todavia, é inegável que, a partir de 1970, Florianópolis passou por um processo de transformação muito mais rápido e significativo do que qualquer outro que lhe antecedeu (PEREIRA, s/d.), notadamente no que diz respeito a dois aspectos: primeiro, a efetivação e o incremento de sua metropolização (mediante a qual o núcleo urbano foi vinculado às localidades e municípios do seu entorno por novas estradas e avenidas, enquanto que uma nova ponte ligava suas porções insular e continental, facilitando os deslocamentos de uma população que não parou de crescer a taxas elevadas). Segundo, o deslocamento para a cidade de um contingente numeroso de “forasteiros” proveniente do interior do Estado, de outros Estados brasileiros ou mesmo de outros países, formado por indivíduos sem maior qualificação profissional atraídos pelas oportunidades de trabalho que surgiam e,

principalmente, por indivíduos de elevado capital social e cultural. E, como era de se esperar, este conjunto de mudanças deu então ensejo para disputas acerca da produção de uma memória e de uma história da cidade capazes de lhe conferirem um perfil identitário singular no Estado de Santa Catarina e mesmo no Brasil.

Curiosamente, porém, a metropolização da cidade fez acentuar o seu destaque como capital de Estado (político, econômico, cultural) do Estado, sem contudo torná-la um pólo aglutinador ou mesmo um centro de referência inquestionável (não é a cidade mais populosa do Estado, nem a maior arrecadadora de impostos, tanto quanto não abriga as principais manifestações culturais de Santa Catarina). Por seu turno, a atração dos forasteiros ocorreu, em primeiro lugar, pela criação ou transferência de grandes instituições e empresas para a cidade (universidades, empresas estatais de energia elétrica ou de telecomunicações, sucursais de meios de comunicação de massa); em segundo lugar, pelo desenvolvimento do turismo; e, finalmente, em terceiro lugar, pela oferta ou promessa de condições de vida mais atrativas que nos grandes centros urbanos do país (terrenos baratos, razoável infra-estrutura, reduzido nível de violência urbana, etc.).

Seja como for, o fato é que a metropolização e a chegada dos “forasteiros” deram ensejo ao surgimento de tensões socioculturais inusitadas, opondo sobretudo parcelas dos novos habitantes a alguns dos mais preeminentes moradores nascidos ou já ambientados na cidade (aos quais se juntaram indivíduos das camadas populares sobretudo nas áreas em que os contatos com os estranhos têm sido mais intenso)², o que ganhou concretude em debates acalorados (inclusive acadêmicos), confrontos físicos, disputas eleitorais e articulações via internet investigadas pela Polícia Federal (caso da “comunidade” Fora Haole Floripa, no sítio de relacionamento Orkut). Em corolário, tais tensões manifestaram-se igualmente nas disputas em torno dos signos de identificação da cidade e da própria memória de sua constituição e trajetória.

De acordo com isso, existe uma Florianópolis recordada como um lugar tranquilo, onde as pessoas dormiam com a porta de casa aberta, não havia violência, as pessoas todas se conheciam e freqüentavam os mesmos ambientes, como as mesas do extinto bar Miramar, o footing da Praça XV de Novembro ou as bancas de peixe do Mercado Público, embaladas pelo movimento suave das águas de um mar protegido por baías ao Norte e ao Sul. Enfim,

² Um estudo sobre situação semelhante pode ser encontrado em ELIAS e SCOTSON (2003)

uma cidade que poderia ser considerada como razoavelmente pacata, não fosse esta imagem contestada pelas memórias de quem vivenciou a juventude naqueles anos.

Isabel Ouriques, por exemplo, relembra que na virada de 1960 para 1970 havia uma grande atração pela praia enquanto programa de lazer no fim de semana, e que o lugar mais festejado era a Praia do Bom Abrigo, na área continental, para onde todo sábado e domingo de verão convergia todo tipo de gente, sobretudo jovens, lotando os bares que ficavam em frente, participando ou apreciando o desfile de automóveis pela rua de acesso e aproveitando as oportunidades para um namorico. Em suas palavras:

A minha família era muito pobre, mas isto não impedia que a gente ficasse fora da agitação, sobretudo nos fins de semana. Existiam várias turmas diferentes, como a do Quiosque, na Ilha, ou a de São José, no Continente, mas em geral todo mundo se encontrava na praia do Bom Abrigo (Canasvieiras e Jurerê eram muito longe e não tinham quase nada, então só se ia raramente). Todo mundo se conhecia, falava um com o outro ou um do outro, pegava carona de carro e até de iate para dar uma volta. Mas depois veio também o pessoal da favela, e no começo a gente estranhava porque existiam muitos negros. Mas é inegável que isto, associado ao fato de que muita gente de fora ter vindo morar aqui, mudou a cara da cidade e tornou tudo mais fácil e acessível.³

Aqui, a referência à lembrança de que “todo mundo se conhecia” não remete a um ambiente pacato, nem muito menos harmonioso e sem conflitos, mas sim ao usufruto da praia enquanto um espaço público aberto a indivíduos de condições sociais diferentes, como o atesta o estranhamento com a presença dos moradores das favelas. E isto traz à baila uma Florianópolis sintonizada com o seu tempo e, por isto mesmo, mergulhada no turbilhão de uma outra vaga de modernização acelerada, com seu complemento de urbanização sem planejamento e de manutenção dos privilégios e preconceitos de todo tipo cujas seqüelas são fáceis de distinguir na ocupação dos territórios públicos e privados.

Este, porém, não é exatamente o ponto de vista de Sérgio da Costa Ramos, cronista que escreve há anos na imprensa diária de Florianópolis. Filho de uma tradicional e abastada família, ele divide vários dos seus escritos em recordações saudosas da cidade de outrora e condenações melancólicas das mudanças que ela sofreu e de suas conseqüências nos dias que correm. Num destes textos, por exemplo, ele lamenta o que denomina de “invasão da Ilha” pelos intrusos (deixando claramente de lado a porção continental da cidade), o que ameaça a “mansuetude” da paisagem local, para então concluir que “não é preciso ser

³ Isabel Ouriques, 50 anos, natural de Florianópolis e nela residente: depoimento concedido a Luiz Felipe Falcão e Thiago Sayão em Florianópolis, 21 de setembro de 2005.

saudosista para admitir: o passado era melhor”.⁴ Mas o tom das palavras, por vezes, eleva-se e se torna mais cáustico:

Vi com meus próprios olhos a invasão da Ilha neste fim-de-semana, como se nossa casa fosse uma Normandia às vésperas do 6 de junho de 1944...

Vi que essa nossa Normandia está recebendo apenas um “destacamento precursor”. A invasão de verdade acontecerá daqui a três meses, quando janeiro vier junto com os reis Magos, os paulistas e os argentinos...

*Contemplo esse estupro da Ilha com olhos ciumentos. Imagino que deveria haver uma “catraca” medidora de forasteiros, um limite para a invasão da Ilha – como os controles que tio Jorge W. Bush hoje impõe sobre a castigada Manhattan, como medo de algum explosivo turbante.*⁵

Nesta ótica, os “forasteiros”, pois, “invadem” e “estupram” a “ilha” enquanto não se lhes impõe um limite, desfigurando Florianópolis que assim perde o seu encanto habitual. A cidade não é mais o que foi, depreende-se destas linhas, mas o que se sabe com certeza é que dessas e de outras Florianópolis sobreveio Floripa, como é hoje chamada carinhosamente por seus habitantes. Todavia, se isto é algo consumado, não há acordo possível quanto às representações de sua formação e trajetória, pois ela cresceu, ficou mais complexa e mais anônima, e com isso algumas pessoas proeminentes tiveram deslocados o estatuto e as prerrogativas que anteriormente gozavam em favor dos “forasteiros”⁶, proporcionando entre elas um amálgama de nostalgia e de ressentimento⁷.

Com uma leitura parecida no que tange a lamentar as transformações pelas quais Florianópolis passou recentemente, o museólogo e folclorista Gelsi José Coelho, filho de família remediada, credits seu começo à ação de padres católicos, a partir da década de 1960, influenciados pelas reformulações preconizadas pelo Concílio Vaticano II e distantes das “tradições portuguesas”. Para ele, a população da cidade era muito religiosa, sendo comuns as novenas, as procissões e as festas de santos padroeiros, definindo uma sociabilidade peculiar que os sacerdotes condenaram como enunciadora de contra-sensos: “As mudanças não foram do progresso, mas da própria ação da Igreja Católica que eliminou muitas tradições”⁸.

⁴ RAMOS, Sérgio da Costa. “Domingo Verde”, In: *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 de novembro de 2003 (agradeço a Jaqueline Ferraro por me chamar a atenção para os escritos deste cronista).

⁵ RAMOS, Sérgio da Costa. “Mares e bares”, In: *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 de outubro de 2003.

⁶ Sobre a atribuição de uma culpa aos “forasteiros” de uma “desordem” e “desorganização” de Florianópolis, ver FANTIN (2000).

⁷ Sobre isto, ver BRESCIANI e NAXARA (2001).

⁸ Gelsi José Coelho, 54 anos, natural da vizinha cidade de São José e residente em Florianópolis: depoimento concedido a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, 1 de setembro de 2006.

Prosseguindo em sua narrativa, Coelho afirma que as alterações ganharam corpo na década de 1970 com a abertura de estradas e a facilidade dos contatos e das comunicações, levando a uma autêntica invasão da cidade e à subversão dos modos de vida habituais:

Na década de setenta, com a abertura da rodovia BR 101, houve a entrada de um monte de gente estranha. Gente bem apessoada, com muito dinheiro, que comprava as propriedades dos pescadores com a maior facilidade, demolia as casinhas e os ranchos e construía residências bem distintas em seu lugar. Os gaúchos, que eram a maioria, erguiam, por exemplo, casas com tijolinho à vista.

A memória de Coelho apresenta Florianópolis em certa medida destruída como que por cataclismos, provocados primeiro pelos padres católicos (estrangeiros, diga-se de passagem...) e depois pelos estranhos. Nela inexiste nostalgia, ainda que seja perceptível uma crítica à derrocada das tradições que se traduz num trabalho profissional notável pelo seu empenho colecionador e conservacionista.

Numa perspectiva bem oposta, Aírton da Rosa, oriundo de uma família pobre composta na quase totalidade por negros e que hoje trabalha como mecânico de automóveis em oficina de sua propriedade, teceu outras recordações da cidade. Ele relembra a infância difícil em que a comida era servida para ele e seus irmãos numa espécie de alguidar: “Não tinha prato na verdade. Fazia aquela quantidade de comida e botava um montinho pra cada um no ‘alguidá’.”

Ele recorda sem reboços que passou por muitos constrangimentos devido a ser negro: "Pela idade que eu tenho sofri preconceito, claro. Estou com cinquenta, e quem tem essa idade e disser que não passou preconceito... Passei preconceito em várias situações, principalmente em clube."⁹

A questão é delicada porque Florianópolis possui uma história de racismo ainda pouco discernida. Por exemplo, na década de 1970 havia os clubes onde somente era permitida a entrada de brancos. Depois, com o passar dos anos, passaram a permitir a entrada de ambos, mas colocavam uma cerca no meio, até terminar de vez com estas discriminações explícitas. Entretanto, não é apenas por isso que Rosa assevera ter Florianópolis se tornado melhor para se viver:

Hoje evoluiu pra caramba. Pra mim na verdade Florianópolis cresceu quando o povo de todos os lugares veio se encontrando. Cresceu pra quem trabalha num comércio, pois tem mais facilidade de trabalhar, tem mais movimento pra realizar

⁹ Aírton da Rosa, 50 anos, natural da vizinha São José e residente em Florianópolis desde pequeno: depoimento concedido a Rafael Damasceno Dias em Florianópolis, 27 de setembro de 2006.

teu trabalho... Na antiga era difícil, tinha de suar... Se pudesse, eu não voltaria ao passado. Pra mim está muito melhor.

Rosa, tanto quanto Ouriques, e ao inverso de Ramos e Coelho, observa que, de seu ponto de vista, a cidade melhorou bastante pela maior oferta de oportunidades. Mais ainda, pela sua trajetória de vida, ele considera que são relevantes e positivos os contatos com o estranho, com o diferente, o que decerto não é compartilhado por alguns de seus conterrâneos mais conhecidos.

As recordações aqui expostas ilustram por que tortuosos meandros Florianópolis, que um dia foi Desterro e poderia ter sido Ondina, e que para alguns deveria ser Açorianópolis (em homenagem aos colonos açorianos trazidos pela coroa portuguesa), tornou-se Floripa. Como em muitos outros domínios, também a memória trama recordações díspares e contraditórias sobre a cidade e seus habitantes. E, lidando com este caleidoscópio, a história contribui para mostrar a rica polifonia nela presente e, também, a fértil polissemia dos atributos que lhe empresta a diferença cultural.

Referências:

- BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas (SP): UNICAMP, 2001.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (2003).
- FANTIN, Márcia *Cidade dividida*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LOHN, Reinaldo L. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana, Florianópolis 1950-1970*. Tese. Doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- MORSE, Richard M. As cidades "periféricas" como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 8, no. 16, 1995.
- PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e modernização* (um estudo de modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, s/d.
- RAMOS, Sérgio da Costa. "Domingo Verde", In: *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 de novembro de 2003.
- RAMOS, Sérgio da Costa. "Mares e bares", In: *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 de outubro de 2003.